

TENSÃO, DOMINAÇÃO E SILÊNCIO: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA E CURRICULAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA

KAUANE VIEIRA MOTTA¹; JOÃO VITOR DE ARMAS TEIXEIRA²;
LISIANE SIAS MANKE³

¹Universidade Federal de Pelotas– kauanevmotta96@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– joaoarmas1998@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – e-mail do lisianemanke@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho¹ está sendo realizado por graduandos no curso de licenciatura em História e residentes do programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A Escola Estadual de Ensino Fundamental Doutor Francisco Simões da cidade de Pelotas/RS é a escola-campo, na qual ocorrem as atividades nos anos finais do Ensino Fundamental. A profissional Tamara Oswald é professora-preceptora do núcleo de história na escola. O Programa Residência Pedagógica visa, entre outros, promover a imersão do licenciando nas escolas de Educação Básica das redes públicas de ensino.

É pertinente contextualizar que, no mês abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio do parecer de número 5/2020, posicionou-se dizendo que as atividades pedagógicas não presenciais seriam computadas para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, devido a pandemia do novo coronavírus. Sendo assim, o órgão destacou que essas atividades poderiam ser desenvolvidas por meios digitais: vídeo-aulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, correio eletrônico, blogs, entre outros (BRASIL, 2020c).

Para o desenvolvimento das atividades não presenciais, o Ministério da Educação (MEC) orientou os sistemas de ensino. Neste período de afastamento presencial, recomendou-se que as escolas orientassem alunos e famílias a fazerem um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares (BRASIL, 2020c).

Isso gerou um contexto de transição forçada do ensino presencial para um ensino remoto, processo que desconsiderou as dificuldades de acesso à internet, a inadequação material de muitos alunos e professores. Nossa experiência se dá nessa conjuntura, na qual paira a dúvida, a angústia e é possível identificar os ecos nefastos do ensino em meio à pandemia.

Portanto, nosso tema está centrado nas dificuldades docentes enfrentadas na escola em meio à pandemia de SARS-CoV-2 em três dimensões: a tensão devido ao caráter sub-teórico de um modo de ensino emergencial, a dominação expressa no currículo que conduza um isolamento curricular (MORGADO; SOUZA; PACHECO, 2020) e o silêncio, devido ao baixo retorno discente. E como essas três dimensões compõem o cenário geral da experiência dos residentes durante os meses de março e julho de 2021.

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

2. METODOLOGIA

As práticas de ensino realizadas a partir de março de 2021, foram condicionadas pelo método de ensino remoto, a partir da plataforma *Google Classroom*. Desse modo, foi necessária uma readequação do método de ensino, a sala de aula, substituída pelo meio digital, assemelha o professor a um criador de conteúdo, um “professor-maker” (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020).

Dentro dessa conjuntura, é pertinente atentar para o fato de que a E.E.E.F. Dr. Francisco Simões é uma instituição de ensino que abarca alunos provenientes de famílias de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social. Bem como, pela experiência de ensino se dar na rede estadual do Rio Grande do Sul e a práxis educacional ser balizada pelo Referencial Curricular Gaúcho (RCG).

Para além da experiência prática dos residentes autores deste texto, que atuam nas turmas de sétimo ano da referida escola, observamos dados coletados em duas entrevistas: uma com nossa professora-preceptora na turma 71 e outra de uma colega de residência que atua em uma turma de oitavo ano. Teve como intuito ampliar as percepções sobre as diferentes dimensões, a partir de processos individuais, turmas e conteúdos programáticos distintos.

Em virtude disso, a barreira metodológica mais importante é o vetor do processo de ensino que não contempla a comunidade escolar de baixa renda. Não obstante, há a complexidade de uma miríade de alunos advindos de outras escolas e que jamais tiveram contato físico com a instituição. O que dificulta o senso de pertencimento, a construção da realidade mediada pelas ações dos sujeitos e subtrai “o mundo da prática, ou da experiência” o qual é “essencial na construção do conhecimento sobre a escola” (BENITO, 2017).

Dessa forma, o ensino crítico ficou prejudicado, pois a necessidade de focar a na instrução e desenvolver os conteúdos sem o retorno adequado dos alunos leva a um processo que faz com que “o professor se ‘atreva’ a produzir o seu próprio material audiovisual através de softwares de fácil utilização, que seja um ‘maker’” (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020). Os professores buscaram a utilização de textos curtos, de linguagem simples e com variedade de imagens; materiais em vídeo, de forma lúdica; também foi utilizado o recurso do *podcast*, disponibilizado em plataformas diversas, para facilitar o acesso dos discentes; também foram criadas atividades com jogos interativos *online*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas realizadas focaram nas seguintes questões: a) os critérios para elaboração dos conteúdos trabalhados em meio à pandemia; b) o currículo consegue abarcar a realidade dos discentes?; c) o retorno dos alunos.

Foi identificado, de modo geral, um estágio de empirismo, de “subteorização” (SANTOS apud MORGADO; SOUZA; PACHECO, 2020), no qual o docente deve se adaptara um contexto volátil, sempre em mudanças. Sobre os critérios, por exemplo, para nossa professora-preceptora a principal “modificação foi na parte metodológica”, já para nossa colega, é preciso “selecionar, dentro de cada conteúdo, temas ou recortes que entendemos ser mais relevantes e/ou que possam despertar o interesse dos/as estudantes”. Em nossa experiência, percebemos que o professor é submetido ao processo de “zoomismo” que é calcado em uma “imobilidade produtiva”, os critérios ficam restritos à uma lógica “meramente focada na instrução” (MORGADO; SOUZA; PACHECO, 2020). Essa

dimensão prejudica a ação consciente do conjunto dos indivíduos para a construção de um saber socializado (FREIRE, 1994).

Observamos como residente o baixo retorno dos alunos durante o contexto pandêmico, a mesma situação da turma de nossa colega residente considera: “pouca participação no modo remoto, através da plataforma”. Segundo nossa professora-preceptora é “baixo retorno ou retorno insatisfatório”. Nas turmas 72 e 73 não é diferente, o retorno é praticamente nulo, o que agudiza a situação sub-teórica de nossa prática pedagógica, não é possível refletir sobre a própria prática, pois não conseguimos medir os resultados práticos. Quais as estratégias que mais funcionam? Textos interativos, vídeos, áudios? Essa situação de crise inviabiliza um processo de “inovação disruptiva” (DIAZ-BARRIGA-ARCEO; BARRON-TIRADO, 2020), entretanto “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1997).

Sobre a questão curricular, nossa professora-preceptora afirma que ele não dá conta de expressar a realidade dos alunos “nem no presencial, nem no remoto”, para nossa colega: “por sua própria estrutura e natureza, [o currículo] não dá conta de abarcar todas as necessidades dos/as estudantes”. Em nossa prática, percebemos assim como Morgado, Pacheco e Souza (2020) que o “confinamento social” levou ao “isolamento curricular”, pois o currículo só produz sentidos com a ação em conjunto, com a prática docente e discente, devido a distância entre a base curricular e a realidade da sala de aula. Desse modo, compreendemos que há, na educação, uma reprodução da estrutura social, as relações exógenas ao ambiente escolar são reproduzidas na estrutura endógena (FREIRE, 1994) e apenas a práxis educativa tem possibilidade de subverter essa lógica, do contrário, “o currículo (...) cria uma dimensão na qual o que menos importa é o processo. A isso dá-se o nome de alienação” (LIMA; AZEVEDO; NASCIMENTO, 2020).

4. CONCLUSÕES

Portanto, é possível compreender as três dimensões, a partir de nossa experiência e dos relatos colhidos, embasados pela reflexão teórica. Não obstante, é pertinente ressaltar que não são aspectos estanques, mas que se relacionam dialeticamente.

A tensão que permeia um processo pedagógico sub-teorizado e imobilizado que não possui um vetor adequado, os processos se dão mediados por plataformas e questões burocráticas. Decorre um processo de docência sem discência, que esteriliza uma “pedagogia humanista e libertadora” e perde-se a possibilidade de uma pedagogia com “rigoriedade metódica” (FREIRE, 1994; 1997; 2002). Inserido em um quadro de “zoomismo”, de um professor criador de conteúdo, operando em uma lógica de liberdade criativa mas de imobilidade produtiva.

A dominação, expressa por um currículo “reprodutor da ordem social hegemônica” que “distribui de forma regulada o capital cultural”, tornando-se um meio alienante (LIMA; AZEVEDO; NASCIMENTO, 2020). Um currículo incongruente com a realidade objetiva dos estudantes. Depreende-se um processo que a incompatibilidade da base curricular com os anseios discentes, somado às barreiras tecnológicas, provoca o silêncio, a evasão, a escola perde o sentido. E, de nossos esforços, temos como retorno a calada do ensino remoto.

Portanto, o cenário pandêmico agudizou as contradições do sistema educacional, segundo nossa professora-preceptora: “essa situação é um espelho, um agravamento de uma situação já existente antes da pandemia”. Impedindo ou, na melhor das hipóteses, restringindo o papel transformador do professor mediante sua prática pedagógica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENITO, Agustín Escolano. **A Escola Como Cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas: Editora Alínea, 2017.
- CARNEIRO, Maria Keila De Araújo; NASCIMENTO, Francisco Cartegiano De Araújo. **O currículo e os desafios da escola básica no contexto da pandemia**. In: **VII Semana Internacional de Pedagogia 2020** - Maceió - AL (on-line), 2021. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/vii-semana-internacional-de-pedagogia-2020/trabalho/174595>. Acesso em: 26 jul. 2021
- CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- DIAZ-BARRIGA-ARCEO, Frida; BARRON-TIRADO, María Concepción. Currículo e pandemia: Tempo de crise e oportunidade para inovação disruptiva. **Educare**, Heredia, v. 24, supl. 1, p. 7-11, Dec. 2020. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-42582020000400007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LIMA, Michelle Castro; AZEVEDO, Sabrina David de; NASCIMENTO, Ana Lúcia Ribeiro do. Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 16, n. 1, p. 1-20. 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/65753>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- MORGADO, José Carlos; SOUSA, Joana; PACHECO, José Augusto. Transformações educativa sem tempo de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, p. 1-10, publicação contínua. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16197/209209213> 38 5. Acesso em: 21 jul. 2021.
- SANTOS, Claitonei Siqueira. **Educação Escolar no Contexto da Pandemia: algumas reflexões**. Gestão Tecnologia: 2020 o ano da Pandemia do Coronavírus, Goiânia, v.1, n. 30, p. 44-47, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://faculdadedelta.edu.br/revistas3/index.php/gt/article/view/52>. Acesso em: 7 abr. 2021.